

Chamar casa a um barco



Reportagem Nas águas tranquilas do Algarve, embalados pela gentileza do clima, largaram âncora e deixaram-se ficar. Uns solitários, outros em família, alguns portugueses, mas estrangeiros na sua maioria, vários velejadores encontraram um porto seguro no Sul de Portugal e do barco fizeram casa

Por **Idálio Revez** texto e **Rui Gaudêncio** fotografia

Eugénie Nottebohm – a navegadora solitária

O sonho de um dia partir num veleiro, em busca de paz e liberdade, acabou por se concretizar de forma indesejável. “Apareceu-me um cancro na mama, e parti à descoberta do mundo dentro de mim”, recorda Eugénie Nottebohm, sentada à beira do Guadiana. Na vila fronteiriça de Alcoutim, juntou-se à comunidade de mais de meia centena estrangeiros que fazem do barco a primeira habitação. Um estilo de vida simples, a flutuar nas liberdades que se vão construindo.

Eugénie chegou a Alcoutim há cerca de



três meses. Lançou âncora e ficou a sentir as “energias” de um lugar, tranquilo, que encaixava no seu imaginário. O novo capítulo da sua história começa assim: “Quando fiz 50 anos, pensei: tenho de realizar o meu sonho, agora. Não sei se a doença regressa.” No lar de idosos onde dava apoio psicológico e fazia animação, na Bélgica, sentiu que era “muito difícil continuar a trabalhar com pessoas que estavam à espera da morte”.

Partiu sozinha à aventura no próprio dia do aniversário. A primeira etapa da viagem, entre o porto britânico de Falmouth e Angra do Heroísmo, levou 13 dias e sete horas. “Alimentei-me de sopa, muita sopa de legumes, e conservas que preparei.” A viagem terminou na ilha das Flores, com passagem pelo Faial, somando mais um dia e dez horas ao tempo gasto no percurso. De

início, conta, “pensava viajar com amigos, mas os amigos não chegaram”.

Uma amiga francesa que vive nos Açores convenceu-a “a ir conhecer o arquipélago”. Não foi difícil, refere, porque estava determinada a começar uma nova vida. “Tinha de me reencontrar”, enfatiza. Da passagem pelas Flores, colheu impressões que transpôs para a tela, pintando quadros que vendeu a turistas. Porém, a aventura não acaba aqui.

A rota traçada apontava ainda para o Algarve. Após uma estada de oito dias em Portimão, acaba por encontrar o seu porto seguro em Alcoutim – melhor será dizer, abrigo espiritual. “Adoro este sítio”, confessa. A paisagem envolvente ao rio Guadiana, onde aportou, fez despertar a velha paixão pelos pincéis e pelas telas, redescoberta após a doença. Durante cinco

Amantes da natureza

Ao aproximarem-se os meses de Verão, não faltam veleiros e iates rumo às marinas e portos do Algarve. Chega o Outono, partem, como as aves de arribação. Os que ficam, em permanência, são os resistentes aos temporais — e, sobretudo, os amantes da natureza todo o ano

anos, quando saía do trabalho no lar, frequentava um curso nocturno de Pintura. Agora, as artes plásticas são a sua principal ocupação.

Parar para não pensar

O barco está parado, mas não tarda a levantar ferro. “Vou à ribeira do Vascão [afluente do Guadiana], é lá que as ideias fluem.” Para alcançar essa terra “prometida” percorre sete milhas. O sítio, sugere, funciona como um retiro espiritual, para se afastar, temporariamente, da vila. “Gosto de sentir a natureza que há em mim, nesse lugar tranquilo.” Os seus quadros reflectem essa filosofia de vida.

Numa futura viagem, confidencia, planeia “ir à Patagónia”. “Ou, pelo menos, é esse o meu sonho.” Ao seu lado, Cristina →

Ahrens, casada com um holandês que chegou a Alcoutim de barco, há 26 anos, pergunta-lhe: “Sabes pescar?” O percurso, recorda-lhe, vai ser longo. “Sim, vou aprender”, responde, os olhos sorriem.

De volta ao lugar de origem, Eugénie Nottebohm reabre o livro das recordações pessoais: “Sempre tive o sonho de fazer uma viagem de veleiro.” O companheiro, na altura, partilhava a mesma vontade. “Mas separámo-nos depois da doença”, lamenta. No passado mês de Novembro, regressou à Bélgica para fazer um *check-up* ao seu estado de saúde. A deslocação foi aproveitada para fazer uma exposição. “Vendi 15 quadros, foi muito bom.” E, revela, tem já obras que cheguem para outra mostra.

“Gosto de ir por aí, e ficar a contemplar a natureza – bonita, mas muito frágil.” O veleiro de dez metros, no meio do rio, é o seu posto de observação. “Preciso de tranquilidade, em sítios com muita gente entro em *stress*.” O rio e as montanhas dão-lhe as asas de que precisa para voar. “Vou por aí caminhando ao encontro da natureza. Paro e fico a ouvir o silêncio”, confidencia. Para pensar? “Não. É para não pensar.”

A maré começa a encher, a brisa desce pela ribeira do Vascão e irrompe o lado lunar da artista itinerante, ancorada no Guadiana: “Estou a pensar publicar a minha história de vida”, dizia poucos dias antes de a declaração de estado de emergência ter fechado o país em casa. O confinamento foi um acelerador desse projecto de livro, que, entretanto, terminou. “Foi um período muito bom, permitiu-me tirar algumas dúvidas existenciais”, afirma. O menos agradável, “foi a chuva e o vento” durante as duas semanas em que se refugiou na ribeira do Vascão. Mau tempo à parte, o isolamento permitiu-lhe encarar o mundo com mais optimismo. “Descobri que tinha muitos amigos, que me deram muita esperança”, conclui, referindo-se às inúmeras mensagens que recebeu, a perguntarem-lhe como estava a viver este período.

Karin Klebe e Louis Bremer – Os novos povoadores do Nordeste algarvio

Karin Klebe dá as boas-vindas à Primavera da forma que lhe dá mais prazer: toca guitarra e canta. A holandesa, afinadora de pianos, respira o cheiro das flores do campo que lhe entra pelo barco adentro. “Sinto-me tão bem, aqui”, diz, levando a mão ao peito. Os dias correm de mansinho e o barco está parado, na fronteira entre Portugal e Espanha. “Esta é a nossa casa”, enfatiza, recordando que faz algumas digressões marítimas ao longo da costa, mas é a Alcoutim que sempre regressa – como as andorinhas que escolhem o melhor sítio para fazer o ninho.

Ao aproximarem-se os meses de Verão, não faltam veleiros e iates rumo às marinas e portos do Algarve. Chega o Outono, partem, como as aves de arribação. Os que ficam, em permanência, são os resistentes aos temporais – e, sobretudo, os amantes da natureza todo o ano. O presidente da câmara, Osvaldo Gonçalves, fala do concelho como “um tesouro escondido, cada vez mais procurado pelos turistas, que fazem do barco a sua habitação”. Além disso, sublinha, a nova vaga de turistas “contraria a ideia de que o interior está condenado ao despovoamento”.



Karin elogia a receptividade da população: “Fazem-nos sentir bem-vindos.” O facto de ter sido convidada para integrar o coro da igreja é um exemplo da interculturalidade. “Não quero voltar, este é o meu lugar”, diz, acrescentando que já vendeu a casa que tinha na Holanda. Ela e o marido, Louis Bremer, revivem a “Primavera da vida” ao ritmo dos reformados. “Descobriram a qualidade de vida neste cantinho”, diz o autarca, sublinhando: “Daqui para a frente [depois da covid-19] vai haver um olhar diferente para o interior.”

E como terá a pandemia afectado quem vive num barco? “No princípio foi um pouco difícil”, admite Karin, “com os bares e restaurantes todos fechados.” No quotidiano de quem vive a flutuar num rio, porém, pouca coisa se alterou: “Convivíamos uns com os outros, porque nos sentíamos livres do vírus.” A ausência de casos registados no concelho terá ajudado a criar essa percepção. “Agora é que estou a sentir medo de sair”, continua a holandesa, “porque estão a chegar muitas pessoas para visitar a vila de Alcoutim.”

Fados, Janeiras e a Oliveirinha da serra

O veleiro, com 12,5 metros, parece um fato talhado por medida. Do bar à biblioteca, passando pelo computador ligado ao



As “energias” do Guadiana

Eugénie chegou a Alcoutim há cerca de três meses. Lançou âncora e ficou a sentir as “energias” de um lugar, tranquilo, que encaixava no seu imaginário. A paisagem envolvente ao rio Guadiana, onde aportou, fez despertar uma velha paixão pela pintura, que é agora a sua principal ocupação

mundo, tudo parece estar ao alcance do olhar ou da mão. “Gosto de tocar guitarra e cantar”, diz Karin, num português pronunciado com pausas prolongadas, e gramática “afinada” como se os verbos fossem notas musicais. “Mas já canto alguns fados de Ana Moura e Cristina Branco.” Na Holanda, durante 20 anos, foi afinadora de pianos. Não é de estranhar, portanto, que a música esteja sempre presente.

“Tomam um copo?”, pergunta o marido,



fazendo um interlúdio. A conversa muda de campo, fala-se da qualidade das couves e dos morangos produzidos nas hortas da aldeia de Vaqueiros. O mercado é ao sábado de manhã, dia em que a comunidade se abastece directamente do produtor. O agricultor, Paulo Gonçalves, chega numa carrinha e monta a banca. A clientela, portugueses e estrangeiros, aproxima-se. “A fruta tem cheiro e sabor – e os morangos são uma delícia”, gaba Karin, retomando a pauta da conversa: “Canto também a *Oliveirinha da serra*.”

Na época natalícia, a holandesa junta-se ao grupo das Janeiras, e o coro tradicional cumpre a tradição. No ano passado, foram convidados a actuar em Sanlúcar de Guadiana, do lado de lá da fronteira, e foi um sucesso: “Até o presidente da Câmara de Sanlúcar cantou”, recorda Karin, redobrando os agradecimentos aos habitantes, “por ser tão bem recebida”.

O casal holandês cumpriu o seu quinto Inverno em Alcoutim. “No Verão faz muito calor”, queixa-se ela, acrescentando que, nos meses de calor, prefere as brisas marítimas. Enquanto duram as temperaturas amenas, os dias correm de vento em popa. “O coronavírus é que é uma chatice”, desabafa Louis Bremer, para logo acrescentar: “Aqui, estamos bem.”

Na pequena vila do Nordeste algarvio, Cristina Arehns desempenha o papel,

informal, de provedora dos navegadores, na ligação com as entidades locais e instituições. A ex-guia turística, casada com um holandês, fez da biblioteca municipal, onde trabalha, “um ponto de encontro de culturas, sem fronteira”. “Esta é uma comunidade única”, comenta Karin Klebe. E tem um rio a dar passagem para outras margens.

Steve Wild – O inglês que “descobriu a Culatra”

Steve Wild vive no Algarve há 37 anos. Chegou ao sabor do vento, e acabou por “encalhar” na ilha da Culatra, na ria Formosa. A primeira residência foi em Vilamoura, onde encontrou um lugar que lhe fez lembrar outras paragens. “À volta da marina não existiam construções, e o Marinotel ainda era um bloco de cimento”, recorda. Nesse tempo, diz, o “Algarve parecia África, tudo era primitivo”. Mas o turismo náutico, nessa época, já atraía gente vinda de todo o mundo. “Construir e reparar barcos – especialmente em madeira – é a minha profissão.” Com este cartão-de-visita não tardou em fazer amigos entre os navegadores. “Arranjaram-me logo um barco para dormir.”

Os veleiros sempre foram a paixão deste britânico de 62 anos que se habituou a ter um pé em terra e outro no mar. Nos

Paixão pelos barcos

O veleiro de Karin Klebe e Louis Bremer (no topo) parece um fato talhado por medida. Do bar à biblioteca, passando pelo computador ligado ao mundo, tudo parece estar ao alcance do olhar ou da mão. Steve Wild (em cima) vive no Algarve há 37 anos. Chegou ao sabor do vento, e acabou por “encalhar” na ilha da Culatra, na ria Formosa

primeiros anos de vivências no Algarve, andou a saltitar de porto em porto, até se fixar na Culatra – uma comunidade piscatória tradicionalmente fechada. Quando entrou na ilha com um veleiro de duas dezenas de metros – comprado por 100 contos (500 euros) na sucata de um estaleiro da Moita –, viu-se no papel de Vasco da Gama: “Os pescadores chamaram-lhe ‘a caravela’.”

Passados quatro anos, com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, em 1986, surgiu a oportunidade para Steve mostrar o que melhor sabia fazer, além da arte de navegar. “Vieram os apoios para a renovação da frota, tinha trabalho que nunca mais acabava”, recorda. Por esta via, entrou nesta aldeia piscatória, que diz ser

uma comunidade “muito especial”, por conservar ainda as antigas tradições alicerçadas em famílias. Os habitantes, entre si, tratam-se por “filhos da Culatra”. Desta forma, explica, mostram a sua identidade e pertença de um lugar.

A descoberta da alma da ilha não foi amor à primeira vista. Só aconteceu passados uns anos. O povoado é constituído “por três ou quatro famílias, com seus códigos muito próprios”, que não estão escritos, mas funcionam. Quem chega de fora, refere, “tem de mostrar que merece ser aceite pela comunidade”. “Eu, porque me ajeitava com as ferramentas, fui bem recebido.” Porém, ressalva: “Mas ainda me chamam o ‘inglês da Culatra’.” Ao veleiro com que aportou na ilha, a tal “caravela”, que recuperou nos estaleiros da Moita, chamou *Cristina*, o nome da mãe, e nele viveu meia dúzia de anos.

Dos hábitos adquiridos Steve destaca a gastronomia. “Comecei a gostar de favas com chocos”, mas de tanto de comer este prato típico, admite, “já estou a ficar enjoado”. Na dieta local entram, obviamente, o peixe e o marisco que se apanham ali mesmo ao lado, na ria Formosa. Ao longo de décadas, os conflitos entre o ordenamento e a preservação das ilhas-barreira têm sido uma constante entre os ilhéus e as autoridades. O Plano de Ordenamento da Orla Costeira, que ditou a demolição de centenas de casas de segunda habitação, acabaria por encontrar uma medida de excepção para os pescadores, e calaram-se os protestos. As casas implantadas nesta ilha ficaram com o direito a permanecer de pé, desde que pertençam a pessoas com profissões ligadas à pesca.

Sobre a vivência na ilha Steve diz que, durante os meses de Inverno, reina a paz e o sossego. Chega o Verão, “fica tudo muito confuso”. Começam a dar à costa os iates, com gente em busca do “Algarve típico”, pintado com as cores da publicidade. Os tempos da sardinha assada, comida em cima de uma fatia de pão, em pleno areal, passaram à história.

“Troquei o barco por uma casa”

A integração na Comunidade, observa Steve Wild, abriu as portas da Europa a Portugal, mas a cultura regional diluiu-se no cosmopolitismo: “Os padrões turísticos nivelaram o gosto. Somos todos iguais, mas é menos interessante.” De resto, acrescenta, foi para fugir à massificação que trocou Vilamoura pela ilha: “Quando começamos a construir em volta da marina, ficou tudo muito artificial. Levantei ferro.”

Uma vez instalado na ilha, passou a ser o “inglês que desenrasca a malta” da pesca. Na oficina, improvisada, dedicou-se às tarefas artesanais – repara e constrói embarcações. Entretanto, trocou o barco por uma casa em chão firme. O negócio, feito com um italiano, não correu da melhor maneira: “Depois do acordo firmado, ele quis desfazer o contrato.” O tribunal, relata, acabou por manter a transacção, mas um problema familiar há um par de anos levou-o a ausentar-se da ilha: “A minha mulher adoeceu, e para estar mais próximo da assistência médica, fui viver para uma caravana no parque de campismo de Olhão.” A história teve um desfecho dramático, com a morte da sua esposa. Steve, porém, não se perde em tristezas, e sublinha que a vida continua: “Tenho uma nova companheira. E o mar chama por mim.”